

Madrugada em chuvas

Região de Ariquemes, no Estado de Rondônia: queimadas anuais para renovar pastagens e áreas de culturas de subsistência ressecadas pela ausência de chuvas

Aumenta número de queimadas no Brasil

Apesar da constatação, o Inpe esperava mais ocorrências de focos de incêndio, a maioria deles registrada em regiões agrícolas

LIANA JOHN

Na temporada de queimadas deste ano foram registrados no País 447.180 pontos de fogo, entre julho e setembro. O número equivale aos observados em 1987 e 1988, quando o problema começou a chamar a atenção, e supera as ocorrências de 1989 e 1990. A fumaça invadiu estradas, aeroportos e cidades, reduziu a visibilidade e causou problemas respiratórios na população. A fertilidade do solo foi prejudicada e se desperdiçou madeira.

O acompanhamento das queimadas em 1991, feito pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e pelo Núcleo de Monitoramento Ambiental da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), revelou, no entanto, duas boas notícias. Primeiro, a constatação de que a maior parte dos focos registrados não esteve relacionada com desmatamentos recentes, mas sim com áreas agrícolas. Além disso, segundo apurou a Agência Espacial, o levantamento surpreendeu os especialistas com taxas bem mais modestas do que se esperava na região.

Cerrados — Os recordes do ano ficaram com as regiões Centro-Oeste e parte da Norte — o polígono formado pelas divisões dos Estados de Tocantins, Pará e Maranhão, limitado ao sul por Mato Grosso. É uma região de florestas de transição e cerrados, parcialmente

ocupada por pecuaristas, produtores de grãos e pequenos agricultores.

As florestas de transição são mais baixas e menos densas do que a floresta amazônica e os cerrados são compostos de gramíneas e árvores esparsas. No polígono das queimadas, a pouca vegetação natural que resta já está bastante degradada.

Poucos focos — A incidência de queimadas nas florestas da Amazônia foi menor do que o esperado. No mês de junho, por exemplo, foram localizados pouquíssimos focos nos seis Estados amazônicos (Acre, Amazonas, Amapá, Rondônia, Roraima e Pará).

Durante todo o mês, foram registrados 144 pontos de fogo nos 3,578 milhões de quilômetros quadrados desses Estados. O mesmo número registrado em uma pequena área de 18 mil quilômetros quadrados, no sul do Maranhão. Se comparado com o total de 5.687 pontos em todo o Brasil, a taxa de queimadas na Amazônia representou, no mês, 2,5%.

Em junho, as chuvas retardatárias inibiram as queimadas, sobretudo na Amazônia, onde a vegetação permaneceu úmida durante quase todo o mês. Nos meses de julho, agosto e setembro aumentou o percentual de focos de fogo na região. Mesmo assim, em setembro, mês de pico das queimadas, a Amazônia apresentou apenas 18% do total de incêndios no País. A maior parte

dessas queimadas foi localizada nas bordas mais povoadas da região amazônica. Em julho, as queimadas nos seis Estados amazônicos representaram 10,84% do total do País. Em agosto, 17,04% e em setembro, 17,81%.

Os mapas mostraram que as queimadas se concentraram este ano nas regiões do cerrado. As áreas mais atingidas pelo fogo se localizam nos Estados de Tocantins e Mato Grosso, no sul do Pará, oeste do Maranhão e Rondônia, onde as queimadas são usadas principalmente para combater ervas daninhas e pragas agrícolas, ou para renovar as pastagens ressecadas pela ausência de chuvas.

Limpar a área — Em Rondônia, as queimadas se repetem todos os anos para limpar as áreas de agricultura de subsistência. Os colonos derrubam a floresta e deixam os troncos das árvores no solo para secar. O plantio de culturas é feito entre os troncos derrubados, porque os lavradores não têm dinheiro ou equipamentos para retirar a madeira. Durante o inverno, quando as chuvas diminuem, eles põem fogo nos troncos secos para se livrarem da madeira e assim aproveitar melhor a área de plantio.

Na região, o satélite aponta a relação direta das estradas com as queimadas, o caminho do fogo nos mapas corresponde exatamente ao desenho da rodovia BR-364 e das estradas secundárias que a cortam.

Carlos Ruggi/ABE



Day after
Depois da queimada, um cenário de desolação: destruição e atmosfera saturada pelo carbono

Fogo em pasto emite menos gás carbônico

Para o pesquisador Evaristo Eduardo de Miranda, do Núcleo de Monitoramento Ambiental da EMBRAPA, "o fato de as queimadas serem agrícolas não diminui a preocupação quanto à ocupação desordenada do território brasileiro e perda de biodiversidade". Mas, garante ele, essa tendência "reduz a responsabilidade do País com relação ao efeito estufa".

Gylvan Meira Filho, diretor do Inpe, explica que as queimadas agrícolas emitem menos gás carbônico do que as queimadas praticadas em florestas recém-derrubadas. Nos campos cultivados, em pastagens e nos canaviais paulistas e pernambucanos, o que se queima são restos de culturas e capim que vão crescer novamente. A quantidade de carbono emitida pela queima dessas plantas é praticamente zero.

O mesmo não acontece com as queimadas de florestas derrubadas, como costuma ocorrer na Amazônia. Quando o fogo destrói árvores centenas de metros de altura, a fumaça leva para a atmosfera o carbono acumulado nos troncos durante anos. Emite-se mais carbono do que se pode fixar. (LJ)